

Um Esclarecimento

Não é por acaso ou por distração que a palavra **creança** surge por mim sempre escrita com um *e*, e não com um *i*. De facto, há da minha parte razões para tal. Senão vejamos:

- (1) Fazendo minhas as palavras de Huberto Rohden no seu livro *Assim dizia o mestre*, entendo também que:

«A substituição da tradicional palavra latina *crear* pelo neologismo moderno criar é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental – mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

Crear é a manifestação da Essência em forma de existência – criar é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o creador do Universo – um fazendeiro é um criador de gado.

A conhecida lei de Lavoisier diz que «na natureza nada se crea e nada se aniquila, tudo se transforma»; se grafarmos «nada se crea», esta lei está certa mas se escrevermos «nada se cria» ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e clareza do pensamento a quaisquer convenções académicas»

- (2) E neste contexto acrescentaria ainda, pessoalmente, o seguinte:

Não será de facto o salto qualitativo do instinto para o livre arbítrio que, agora na área da sexualidade, vai poder trans_ formar o cio/acto sexual obrigatório que procria, numa relação espiritual de amor que, fruto do exercício do livre arbítrio, pode gerar de uma forma responsável bebés, e não crias? E não será esta, por sua vez, a grande distância que vai de uma cria a uma **creança**? E será então correcto escrever criança com *i*?

* Professor universitário aposentado da actual Faculdade de Motricidade Humana.



Sempre que me atrevo a-existir-também-por-escrito, como é agora o caso, a minha primeira grande dificuldade – ou a última? ¹ – está sem dúvida alguma na escolha de mais um título para tal bocadinho-de-mim. Porquê? Ora tão simplesmente (?) pela dificuldade em encontrar a(s) palavra(s) que em si mesma(s) – e em mim também! – contenha(m) simultaneamente O SENTIMENTO – a vibração? – que me vai na alma e O CONHECIMENTO – o conteúdo? – que me vai no cérebro.

É que encontrar logo à partida ou à-chegada-à-meta a síntese das sínteses ² não é nada fácil para ninguém e, portanto, também o não é para mim. Ai não é, não. Tanto mais quando o que eu procuro em qualquer título é marcar o golo do empate – de empatia, pois claro! – entre o risco que num determinado momento-de-fra(n)queza-por-escrito entendi assumir e a sensibilidade – a motivação? – de quem, noutro momento de tanta fra(n)queza como o meu entendeu, também, assumir o risco ainda maior... de me ler ³!!!

Ora bem: neste contexto, que melhor título poderia eu, então, encontrar de imediato senão o tão simples quanto sempre disponível ponto-de-interrogação que sempre de coração aberto a todas as nossas (in)certezas empaticamente apela a que, sem abdicarmos da nossa (inter)independência, saibamos assumir a (co)responsabilidade da construção, em espiral (e)terna, da Feli(z)_Cidade que tanto (des)espera por nós ⁴?

E para que fique bem clara a dificuldade em questão – Título, título quem és tu? – veja-se de seguida e *à la carte* a enorme quantidade de *candidatos* que perante o simples anúncio de tão mediático *reality show* sobre a cada vez mais candente temática «A Família e a Escola», se me apresentaram para o inevitável *casting-da-ordem* que me irá permitir seleccionar o título *superstar* entre todos os que concorreram na mira de manterem em alta a respectiva autoestima ⁵. Eis, então, e já de seguida tais *candidatos*, por ordem de chegada:

1. Mas afinal o que é o casamento? E a escola?
2. Viva o *abraço* que dá bebé... e aluno a seu tempo!
3. Aos casais e aos professores do meu país... um testemunho.

¹ Qual a diferença, afinal?

² A metasíntese?

³ Modéstia à parte... pois claro!

⁴ Cá está ele – o ponto de interrogação – outra vez. Ele, ele... sempre ele!

⁵ Fraquezas!

4. Qual a diferença de fundo entre Família e Escola?
5. Ideologia verdadeira há só uma, a Feli(z)_Cidade e mais nenhuma!
6. Comigo a creança vai sempre à frente!
7. Greve ao egoísmo. Já!
8. Filhos do cio ou do coração? E os alunos?
9. Quem não vai ao fundo da vi(n)da, irá ao fundo na (v)*ida*!
10. Império dos sentidos *versus* VERDADEIRO AMOR.
11. Não deixes para a escola o que deves fazer na família.
12. Quantos mais filhos melhor, porque mais *Natais* também.
13. Casal. Casal. Que Escola és tu?
14. Com três letrinhas apenas...
15. Não é por se ter um piano lá em casa que se é pianista...
16. Família e escola. Dois partidos ou... um inteiro!
17. Educar. Mas afinal o que é isso? É ir para a escola?
18. Abaixo a igualdade homem/mulher. Viva a complementaridade...
19. O que é um filho? E um aluno?
20. Dia da mãe? Dia do pai? E porque não também a *noite dos pais*?
21. Para uma cosmoeducação?
22. Da relação à ralação – também sexual – eis o *busílis da educação*! Na escola?
23. Império dos sentidos. Até quando?
24. Maternidade verdadeira há só uma, a incondicional e mais nenhuma!
25. Superhomens e supermulheres... precisam-se! Superprofessores também...
26. Casamento. Casamento. Que Escola és tu?
27. E «... os creou homem e mulher». Porquê e... para quê? Para irem à escola?
28. Totovi(n)da. A Escola da (v)*ida*? E se não for?
29. (Re)\$*eita*\$ para um Mundo melhor? Quais?
30. É a(g)hora...
31. Escola verdadeira há só uma, a Família e mais nenhuma!
32. O que é o SENTIMENTO? É a escola?
33. *Errarae (des)humanum est...*
34. Verdadeiros pais, precisam-se... e professores também!
35. Educar para a interdependência ou para a interindependência?
36. O VERDADEIRO AMOR não tem ponteiros nem... salas de aula!
37. Aborto. Aborto existencial... quem és tu? Uma *escola*?
38. Do coito à relação sexual que caminho? Uma educ(or)ação escolar?
39. Viva a *gestação na barriga do mundo*. VIVAAA...!
40. Do casamento ao (a)casa-(la)mento... eis a questão!
41. O que é a vi(n)da? Uma Escola ou um SENTIMENTO? E a (v)*ida*?

42. Pai-Mãe-Filho, três num só? *Santíssima Trindade?*
43. A vi(n)da é uma construção ou um pronto-a-vestir?
44. Educação verdadeira há só uma, a do nosso EXEMPLO e mais nenhuma!
E escola?
45. Cresceí, multiplicai e... escolai! É?
46. Educar será enfiar um supositório de fora para dentro?
47. Ninguém ensina a ninguém a ser pai ou mãe. E professor?
48. Onde nasce a creança? Na escola, é?
49. Escola. Escola. Quem és tu? Uma Família ou quê?
50. Pois é!
51. Verdadeiros Professores, precisam-se. E pais?
52. Há sempre um OU que espera por nós.
53. O raio que nos... *cole!* Tanto em casa como na escola...
54. E para quando a Declaração Universal das Obrigações da Família na Escola?
55. A dificuldade da creança é só uma, o adulto e mais nenhuma!
56. Quem não trai... atrai!
57. Nasce o bebé directamente da barriga da mãe para a Escola? É?
58. Educação e Instrução, qual a diferença?
59. Egoísmo *versus* VERDADEIRO AMOR: E a Escola?
60. Liberdade: um direito ou um efeito?
61. Casamento verdadeiro há só um, o (e)terno e mais nenhum.
62. Família. Família. Quem és tu? Uma Escola?
63. Família: a única instituição natural. Por acaso?
64. Escola: uma fábrica de encher *chouriços*?
65. Mas afinal o que viemos nós cá fazer a esta VI(N)DA? Ir à escola?
66. VERDADEIRO PAI há só um, o que ama a MÃE e mais nenhum. E professor?
67. A palavra do exemplo ou o EXEMPLO DA PALAVRA? Em que ficamos?
68. Insucesso escolar ou o insucesso será outro? O familiar?
69. VERDADEIROS PAIS há só uns, os que se ocupam dos filhos e mais nenhuns.
70. E para quando o sentimento-de-responsabilidade famílio-escolar?
.... Etc., Etc., Etc.

E assim foram saltando títulos e cada vez mais títulos ao sabor do entusiasmo próprio de cada um deles, sedentos que todos estavam – e estão! – de darem nas vistas, iniciarem uma carreira de sucesso e virem, portanto, a ser famosos ⁶.

⁶ ... na esperança de virem a ser convidados para um qualquer *big brother* dos famosos, pois claro!

E porque o número de candidatos-a-títulos não mais acabava de aumentar (...) vi-me então obrigado ⁷ a gritar para aquela multidão-de-títulos-e-mais-títulos-aos-encontrões-num-vamos-a-ver-quem-chega-primeiro: «BASTA! Estão encerradas as inscrições».

E, então, perante o desespero de uns e a alegria de outros – os já inscritos – pude, *arregaçando-as-mangas-da-minha-disponibilidade-e-motivação-de-também-dar-nas-vistas* (!), passar a cuidar – eu também! – da minha autoestima. E assim arranquei para os castings-da-(des)ordem: «Boa! Agora quem vai decidir, sou eu!» Mas, como já o disse, não me foi nada fácil. Ai não foi, não! Porquê? Ora tão simplesmente porque todos se esforçaram – e de que maneira! – para serem o *escolhido*, o tal... Campeão, o desejado!

E porque afinal – oh surpresa das surpresas! – todos os *candidatos-a-título* se (me) apresentaram metamega motivados, isso sim, mas na vontade de (me) serem úteis, não só não fui capaz de eliminar um só que fosse como também capaz não fui de escolher um só entre todos. É que face a tão grande surpresa – sim, por esta é que eu não esperava! – logo me subiu ao SENTIMENTO o meu metamegaromantismo que de imediato me fez sentir que nunca ninguém está a mais, isto é, que nunca ninguém é... substituível. Sim, é que – assim o penso ⁸! – o sol quando nasce deve ser para todos ou então... não é sol não é nada!

E foi assim – e só assim! – que consegui paz interior em mim. Paz interior da qual pôde então soltar-se do meu coração uma empática inspiração. A saber:

- Por um lado não *chumbar* nenhum dos *candidatos-à-titularidade* mas antes, isso sim, aceitar todos e mais alguns numa lista bem à vista e *bem... disposta*. Lista, aliás, já por mim assumida nas páginas anteriores e que me vai, agora, permitir passar-a-bola ao leitor. Como? É simples: convidando-o a aceitar, na minha vez, *a provocadora (i)responsabilidade* de escolher o *candidato* que em sua opinião mereça ser promovido *a-título-de-primeira-página*. E, feita a escolha, a escrever então pelo seu próprio punho e no espaço que lá mais à frente vou deixar em aberto para o efeito o *título-campeão*... em LETRA GRANDE, pois claro!
- Por outro lado, pedir ao leitor que por favor me ajude a remediar a grande maldade que leviana...mente cometi ao mandar *encerrar as inscrições*, condicionando de forma tão fria quanto (des)carinhosa muitos e muitos desgostos, em vez de antes ter multiplicado, isso sim, *alegrias-de-protagonismo sem fim*. Mas perguntar-me-á uma vez mais o leitor com toda a razão: «Ajudá-lo? Mas como?» Ora, tão simplesmente, *reabrindo*

⁷ Muito obrigado!

⁸ ... logo existo!

as inscrições. Sim, *reabrindo as inscrições* por mim então encerradas⁹, (re)criando assim as condições para que mais títulos venham a ser *dados-à-luz*, agora porém já pelos seus *novos pais*, os meus caros e empáticos leitores. Isto, claro está, só para aqueles que tiverem a infinita (pa)ciência de me aturar. E se então tiverem ainda a empática amabilidade de me enviar por carta¹⁰ ou por email¹¹, não só ficarei (e)ternamente grato como ainda poderei com-todo-o-carinho-do-mundo-do-cosmos-e-dos-seus-arredores juntar as novas listas e (re)enviá-las a quem entretanto me tiver dado, por sua vez, a sua morada ou email. E, assim, todos ficaremos não só mais ricos como também mais (co)responsáveis na construção da nossa (inter)independência da qual dependerá – quer o queiramos quer não! – a (co)construção da Feli(z)_Cidade¹².

Bom! E já agora, perante tal-molho-de-títulos-e-mais-títulos-a-granel, cada qual mais convencido de ser o tal campeão – o superstar! – convido novamente¹³ o leitor para desta feita os organizar – educar? – ajudando-os a compreender que na sua **complementaridade** irão gerar naturalmente um texto com princípio(s)-meio-e-fim, isto é, um texto em que, se todos forem capazes de se darem as mãos, poderão ser já um bocadinho do Céu na Terra. Um PRINCÍPIO?

Sim, foi o que eu próprio tentei, começando por pôr os títulos na base da interrogação para um lado, os afirmativos para outro, os do tipo palavras-de-ordem-a-lançar-e-a-dançar-em-manifestações-de-rua-e-não-só para outro ainda, tal como o fiz também para os compostos por uma só palavra. E foi já com eles mais bem educadinhos – organizados? – que pude, então, sem deitar fora ninguém, sensibilizar todos a se darem as mãos, primeiro por grupos e depois entre os grupos, fazendo nascer o diálogo entre todos, diálogo que uma vez escrito, repito, veio a dar o texto que o leitor(a) irá ler de seguida se, claro está, a tal se dispuser¹⁴.

Vamos a ele?

⁹ Lembram-se?

¹⁰ Rua Ferreira de Castro, 21, 2.º Esq. / 2640.482 Mafra

¹¹ nmc Mendes@mail.telepac.pt

¹² Viva a interactividade também entre autores e leitores. Vivaaaaa...

¹³ Nova mente?

¹⁴ Bom! E já agora depois deste treino todo para encontrarmos metasínteses vulgo títulos convido ainda o leitor(a) a – sem medo da verdade! – encontrar a metasíntese que o defina como a pessoa que julga ser. Arrisque. Vai ver que vale a pena! Sim, não será esta a melhor maneira de nos autoeducarmos, isto é, sermos a Família e a Escola de nós próprios?

Então cá vai:

15

Vamos, então, começar. Mas atenção: começar pelo(s) PRINCÍPIO(S). Sim, começar pelo como-tudo-começou, isto é, pelas leis que nos fizeram e não pelas *leis(?)* que fazemos ou desfazemos ao gosto ou ao desgosto do que nos dá jeito ou *desjeito*, neste (i)mundo-cão que cada vez mais menos jeito nos dá, ao multiplicar, a um ritmo cada vez mais feroz e endiabrado, não o que não dá jeito mas presta – o caminho para a Feli(z)-Cidade – mas antes o que dá jeito imediato mas de imediato não presta... o caminho para a infeli(z)-*sidade*. Sim, a infeli(z)-*sidade* deste A(pum!)calipse show que inventámos por cont(r)a própria: fome, miséria, guerra, terrorismo, crime, violência, maldade, traição, mentira, poluição, *vacas loucas*, buracos de ozono, luxos-e-lixos-tóxicos-de-cada-vez-mais-desastres-ecológicos-e-não-só, manipulação, chantagens afectivas e outras, drogas, toxicodependências, alcoolismo, prostituição, pedofilia, homossexualidade, pornografia, divórcio, aborto, depressão, suicídio, acidentes de viação, stre\$\$, doenças e outros ais de mais *sidas* e cada vez mais *sidas* que tais!!!

Pessimista eu? Talvez. Mas porque abrirá, então, a nossa lista telefónica com este tão optimista rol de S.O.ESSÉS aos...esses? Vejamos: «S.O.S. Mulher: 239832073; S.O.S. Grávida: 213952143; S.O.S. Criança: 217931617; S.O.S. Criança maltratada: 213433333; Recados de Criança: 800206656; Alcoólicos Anónimos: 217162969; Centro S.O.S. Voz Amiga: 213544545; Narcóticos Anónimos: 800202013; Linha Vida-S.O.S. Drogas: 1414; Famílias Anónimas: 214538709; Associação Portuguesa de Apoio à Vítima APAV): 218884732; Associação para Apoio à Integração Social e Comunitária (Espaço T): 228203531; S.O.S.-SIDA: 800201040; Linha Sida: 800266666; Sexualidade em Linha: 800222002; Linha S.O.S. Estudante (Escuta Confidencial): 808200204 e ainda Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres:800202148».

¹⁵ Espaço reservado ao leitor(a) para em LETRA GRANDE – pois claro! – escrever o título escolhido. Bom! E já agora, para que não se pense ter eu fugido a tão grande (i)responsabilidade aqui fica, em nota de rodapé, não só o título que escolhi para o exemplar que me coube em sorte como também o subtítulo a que não resisti. Ei-los: QUEM NÃO TRAI...ATRAI e O QUE VIÉMOS NÓS CÁ FAZER A ESTA VI(N)DA?

Pois é!

1. Viemos à Terra para fazer amigos e inventámos o inimigo. Genial! Genial! Genial!
2. Viemos à Terra para construir uma vida-de-relação e inventámos a vida-de-ralação. Genial! Genial! Genial!
3. Viemos à Terra para aproveitar o Temp(l)o que nos foi dado e inventámos a falta de Temp(l)o. Genial! Genial! Genial!
4. Viemos à Terra para nos completarmos uns aos outros e inventámos a solidão. Genial! Genial! Genial!
5. Viemos à Terra para *curtir* uma Paz interior e inventámos o absurdo \$TRE\$\$\$. Genial! Genial! Genial!
6. Viemos à Terra para investir na alegria-de-viver e inventámos a depressão. Genial! Genial! Genial!
7. Viemos à Terra para semear o AMOR VERDADEIRO E (E)TERNO e inventámos a PAIXÃO ASSOLAPADA galopantemente efêmera. Genial! Genial! Genial!
8. Viemos à Terra para multiplicar a vida e inventámos o aborto. Genial! Genial! Genial!
9. Viemos à Terra para protegermos as creanças e inventámos a pedofilia. Genial! Genial! Genial!
10. Viemos à Terra para assumir a humildade e inventámos o orgulho BESTA. Genial! Genial! Genial!
11. Viemos à Terra para fruir o sol e a natureza que *de mão beijada* nos foi dada e inventámos a poluição. Genial! Genial! Genial!
12. Viemos à Terra para aprendermos a ser independentes e inventámos as (toxico)dependências. Genial! Genial! Genial!
13. Viemos à Terra para partilharmos a co_responsabilidade e inventámos a *aburrante*¹⁶ irresponsabilidade. Genial! Genial! Genial!
14. Viemos à Terra para apreciarmos a vi(n)da que prepara a (v)_ida e inventámos o medo da *morte*. Genial! Genial! Genial!
15. Viemos à Terra para sermos sinceros e inventámos a hipocrisia. Genial! Genial! Genial!
16. Viemos à Terra para sermos *um inteiro* e inventámos os partidos. Genial! Genial! Genial!
17. Viemos à Terra para nos ajudarmos uns aos outros e inventámos todo o tipo de *escravatura*. Genial! Genial! Genial!
18. Viemos à Terra para *jantares românticos* e inventámos a violência doméstica. Genial! Genial! Genial!

¹⁶ Sim... com u de burrada como também... de burro, pois claro!

19. Viemos à Terra para aprendermos a *(en)cantar afinados* e inventámos a fífia. Genial! Genial! Genial!
20. Viemos à Terra para nos darmos as mãos e inventámos o *pontapé*. Genial! Genial! Genial!
21. Viemos à Terra para cumprirmos as nossas obrigações cósmicas e inventámos o Estado de DIREITO(S) que está cada vez mais torto. Genial! Genial! Genial!

...

Em suma, em sumo e em (re)sumo: Viemos à Terra para construirmos a Feli(z)-Cidade e inventámos a Infeli(z)-**sidade**. PARABÉNS! PARABÉNS! PARABÉNS!

Bom! E se a toda esta nossa *genialidade* continuarmos a chamar orgulhosamente *de\$envolvimento, modernidade e progre\$\$o*, então vou ali e já (não) venho. Ai não venho, não! E digam-me cá: o que faltará ainda acontecer para dizermos BASTA a tudo isto e assumirmos a-meia-volta a este A(pum!)calipse show que, repito, inventámos por cont(r)a própria? Sinceramente pergunto(me): para quando o *tirarmos a cabeça de debaixo da areia*, quais avestruzes *burradas*¹⁷ de medo, e iniciarmos a construção da Feli(z)cidade do VERDADEIRO AMOR? Será que alguém pensa que este caos em que subvivemos pelo lado de dentro, verdadeira CAUSA do mesmo caos pelo lado de fora, se resolverá com a multiplicação de cada vez mais *psiquiatras, psicólogos e ansiolíticos*¹⁸? Não vai ser a depressão, segundo a Organização Mundial de Saúde «a segunda causa, em 2020, da incapacidade global a partir dos já 340 milhões de deprimidos a nível mundial, entre os quais 20% da população portuguesa?»¹⁹ Estamos então, ou não, no bom caminho? É óbvio que *\$im!* Ou não será?

Estarei a ser muito bruto? Não, meus caros leitores. O que eu estou a ser, isso sim, é frontal e realista, assumindo com todos os riscos uma linguagem *politicamente incorrecta* mas, atenção, leal porque de *olbos-nos-olbos*. Sim, linguagem que, eu sei, não dá jeito a ninguém – nem a mim próprio também! – porque nos (me) exige uma mudança de fundo quanto aos (des)valores em questão. Mas como optar por uma linguagem politicamente correcta se todos bem intuímos, mesmo que o não queiramos, que QUEM NÃO FOR AO FUNDO DA VI(N)DA, IRÁ AO FUNDO NA (V)IDA?

Claro que tenho mesmo muita pena de escrever tudo isto mas sinceramente e com toda a frontalidade – lealdade? – que devo a todos os meus colegas da

¹⁷ Sim, com u também...

¹⁸ Não serão estes – com todo o respeito e gratidão pela sua boa vontade em ajudar o outro – (e)videntes borbulhas de uma varicela (des)existencial?

¹⁹ Margarida Lencastre, «Depressão, doença do século XXI», in *Notícias Magazine* de 04.02.01.

vi(n)da e da (v)ida que me lerem, é isto mesmo o que sinto...sem tirar nem pôr. Sinto que é (o) tempo de sem medos parvos e de olhos nos olhos assumirmos o *diagnóstico* deste *cancro sucial*²⁰ que se não for atacado **JÁ**, nos liquidará a curto prazo. É que o *verdadeiro terrorismo* – acreditem em mim! – somos nós próprios *na falta de vergonha na cara* com que nos estamos *a materializar* cada vez mais, isto é, *a... nos desespiritualizar*²¹!

Acham que não? Acham que estou a exagerar? É? Então digam-me cá, por favor: com quem aprendem as creanças – que queremos educadas – a serem mentirosas, invejosas, orgulhosas, indisciplinadas, arrogantes, violentas ou, numa só palavra, superegoístas, sem escrúpulos e sem a tal vergonha na cara? Sim, com quem? Serão elas a causa ou o efeito dos adúl(t)eros que nós somos? E de que é que, então, a creança de facto precisa? Não será tão simplesmente e só de *um-mais-velho diferente*? Melhor ainda e dito à minha maneira: «EDUCAÇÃO VERDADEIRA HÁ SÓ UMA, A DO NOSSO EXEMPLO E MAIS NENHUMA!». E já agora também: «VERDADEIRO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO HÁ SÓ UM, A FAMÍLIA E MAIS NENHUM!» Ou não fosse – por acaso?²² – A FAMÍLIA a única Instituição natural que não foi *creada* por nós – ai não foi não! – mas antes *creada*²³ pelas tais leis que não fomos nós que fizemos mas que, quer o queiramos quer não, nos fizeram...pois então! Deus? Jeová? Alá? Grande Arquitecto? Inteligência Superior? Força Transcendental?²⁴ *Macaco*? Tanto faz, pois isso...não vai alterar nada²⁵.

É, pois, tempo de compreendermos e de agirmos – **JÁ!** – em conformidade com o facto de que enquanto o SENTIMENTO na família – a tal *vibração*²⁶ – que vem de dentro para fora²⁷ é *quem* deve ficar sob a alçada do que chamamos educação, sendo por isso a sua real prioridade; já na TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO que se faz de fora para dentro²⁸ deverá ser esta a prioridade que justifica a ESCOLA enquanto Instituição por nós entretanto *criada*²⁹ para o efeito. CONHECIMENTO que, repito, vindo de fora para dentro só será no entanto assimilado com alegria e sem dificuldades de maior se encontrar uma-estabilidade-afectiva-à-sua-espera e não *um-balão-já-cheio-de-buracos-de-(des)afecto-e-respectivas-carências-a-granel*, balão que por mais que se dê à

²⁰ Sim, mais uma vez com *ú*...

²¹ Merdializar?

²² E o que será o acaso senão uma coincidência-com-sentido? Vá! Toca, então, a encontrar o sentido...

²³ Sim, com *é*!

²⁴ Note-se bem que eu não disse... fio dental!

²⁵ Mas é claro que – falo por mim – sinto-me muito melhor comigo mesmo quando admito ter nascido de Deus e não do macaco. Porque será?

²⁶ Cósmica?

²⁷ Do coração para o outro!

²⁸ Do outro para o cérebro!

²⁹ ... ou malcriada e novamente com *í*!

bomba ninguém, nem mesmo *psiquiatras, psicólogos e demais ansiolíticos* de boa vontade jamais conseguirão encher. E isto por mais competentes e dedicados que sejam – e tenham sido! – todos os *(as) profissionais-da-educação* (?) das creches, jardins de infância e demais *remendos-e-remendos-Cp.^a Il.^a* onde os pais (?) cada vez mais *despejam os seus queridos filhotes* (!)?

Bom! Mas o que é afinal essa tão apregoadada estabilidade efectiva, perdão... afectiva? Não será tão somente aquela PAZ INTERIOR, aquela HARMONIA ou CÉU-já-na-Terra que todos procuramos? E não emergirá esta a partir de uma empática-comunhão-entre-cada-um-de-nós? E não será esta empática-comunhão-entre-cada-um-de-nós a relação entre-o-eu-e-o-outro em cada um de nós? E qual será a distância que vai da relação que sabe a céu à ralação que sabe a inferno? Não será a mesma que vai do VERDADEIRO AMOR ao EGOÍSMO ³⁰??? E quem são os dois que protagonizam naturalmente o primeiro grande encontro – encontrão? – tão bonito que mais bonito não há? Bebê/Mãe ou Aluno/Professor? E nasce o bebê só da MÃE ou daquele abraço tão especial que mais especial não há com o PAI desse mesmo bebê? Então digam-me cá: será que a estabilidade afectiva enquanto chave de toda uma educação rumo à construção da Feli(z)_Cidade deverá estar a montante ou a jusante da *ida* para a escola? Sim, nasce o bebê-potencial-aluno na *barriga-da-escola ou na barriga da família*?

Ora se a estabilidade afectiva estiver mesmo numa PAZ INTERIOR, numa HARMONIA e num CÉU NA TERRA entre-cada-eu-e-cada-outro numa empática comunhão entre todos e se o primeiro par do bebê é a MÃE depois daquele abraço tão especial que mais especial não há com o PAI desse mesmo bebê, como poderá haver PAZ no mundo se esta não começar precisamente em quem vai gerar – ou já gerou! – a continuidade da VIDA? Poderá, então, *um casal em guerra* educar os filhos para a PAZ? Poderá haver PAZ INTERIOR – e portanto exterior também! – entre pais-e-filhos que com(tra)vivam *num campo-de-batalha*? E poderá haver PAZ entre irmãos que nasceram no intervalo das discussões entre os PAIS? E o que será afinal a PAZ senão o AMOR? Poderão então PAIS *mal educados* porque carentes do AMOR que também não receberam dos PAIS e assim *antecessivamente*, bem educar os filhos para a (e em) PAZ? E onde houver EGOísmo poderá alguma vez, haver PAZ? E VERDADEIRO AMOR? E...? E...? E...?

Pois é! Voltando, então, ao ponto-de-partida deste *bocadinho-de-mim-por-escrito* ³¹, (re)pergunto(me) à laia de (in)conclusão também: quando nos libertaremos de uma vez por todas deste tão grande quão desastrado mega-equívoco que confunde INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO/TEORIA que se impinge de fora para dentro ³² com o tal SENTIMENTO/VIBRAÇÃO/RELAÇÃO que se constrói de

³⁰ Amor próprio?

³¹ PROSCRITO? O tempo o dirá!

³² Qual supositóriozinho, supositório e supositórioção que dá sucessivamente licenciatura, mestrado e doutoramento pelo Ministério da Educação(!)?

dentro para fora, isto é, do coração para a RUA, conferindo a quem *não chumbar* nesta VI(N)DA, o (de)grau de DOUTOR HONORIUS PROPRIUS? Sim, aquele DOUTORAMENTO que só nós próprios podemos conferir a nós próprios precisamente quando, *naquela hora de ir embora*, pudermos – sem desviar os olhos dos nossos próprios olhos – sorrir e gritar bem alto para a GRANDE RUA DA VI(N)DA: «Eh pá! Parabéns! Nunca traíste nem *lixaste* ninguém!» e então... part(ir) alegremente para *LÁ*, cheios de tudo o que soubemos construir dentro e fora de cá!

Até quando, então, iremos continuar a culpar as escolas do que chamamos o INSUCESSO ESCOLAR? Sim (re)volto(me) a perguntar: Mas onde nasceu o aluno? *Na barriga da escola* ou na barriga da Mãe? E de onde veio o espermatozóide e o óvulo que a seu tempo deu aluno-que-vai-à-escola? Do PAI e da MÃE ou do Presidente e da *Presidenta* do Conselho Directivo e restantes Professores da escola? Não será então bem mais provável que o INSUCESSO ESCOLAR seja antes, isso sim, o efeito de um outro insucesso, este a montante daquele, o INSUCESSO FAMILIAR? Não estará, pois, no INSUCESSO FAMILIAR a verdadeira causa do INSUCESSO ESCOLAR?

Mas como combater, então, o INSUCESSO FAMILIAR? Com a criação³³ de cada vez mais Creches, Infantários, Jardins de Infância e demais *remendos-ê-remendos C.^a Ild.^a* como se tem feito até aqui? Mas não serão precisamente estas instituições quem com a cumplicidade dos pais, tira cada vez mais cedo as crianças das *barrigas-das-mães*³⁴ com as consequentes carências do VERDADEIRO AFECTO que nem a melhor ama, o melhor educador de infância, professor, psicólogo ou psiquiatra consegue, por mais que se esforce, evitar?

Pois é! Quanto a mim, creio que a política a seguir deverá ser *radicalmente* a oposta. Isto é:

1) Acabar o mais depressa possível com as Creches, Infantários, Jardins de Infância e demais *depósitos-de-carne-infantil C.^a Il.^a*³⁵, ajudando-se assim os pais a não cederem à irresponsável tentação – *tontação?* – de logo, três meses após o bebé estar cá fora, o *abortarem do útero familiar*. Sim, ajudar os Pais (?) a não cortarem, desta forma tão bruta e sem perdão, o *cordão umbilicoespiritual*³⁶, CHAVE MESTRA E ALICERCE da gestação da efectiva afectividade, gestação que só um *útero familiar* pode conseguir. Sim, só um útero familiar poderá gerar futuros *óvulos e espermatozóides* livres de toda e qualquer carência que a seu tempo poderão vir a dar, finalmente, PAIS VERDADEIROS a quem nunca passará pelas mentes e corações *abortarem* os bebés do *útero familiar* e quantas vezes... do materno também!

³³ Novamente com *í*!

³⁴ E dos pais, pois claro!

³⁵ Criados – com *í* – para ganhar dinheiro!

³⁶ O verdadeiro cordão de ouro?

2) Educar os actuais e futuros Pais(?) a não trocarem levemente – conscientemente ou não, isso que interessa ao bebé? – o **natural útero familiar** por um **artificial útero de aluguer** privando assim barbaramente os filhos de uma gestação-espiritual-e-(meta)afectiva-à-maneira rumo à ESPIRAL DO VERDADEIRO AMOR onde há sempre mais FELI(Z)_CIDADE e METAFELI(Z)_CIDADE a acrescentar. Ou seja: ajudar os Pais(?) e muito particularmente a Mãe(?) – nascerá por acaso o bebé na barriga-da-mãe e não na do pai? – a compreender que ao abortar o filho do seu agora útero familiar estará a deitar janela fora e SEM RETORNO o bocado-de-vida mais bonito para ambos, que mais bonito não há: a materna meta-construção de uma VERDADEIRA FAMÍLIA... a única **INSTITUIÇÃO NATURAL** que foi criada especialmente para nós com todo o AMOR e CARINHO ³⁷.

3) (Re)criar ³⁸ a Univers(al)idade do VERDADEIRO AMOR, isto é, a Univers(al)i-dade dos SENTIMENTOS BONS que (trans)formam todos os lares em FACULDADES DO VERDADEIRO AMOR, onde os VERDADEIROS PAIS é que serão naturalmente os VERDADEIROS PROFESSORES ao ensinarem aos filhos, pelo EXEMPLO, o que é a unidade-de-dois-corações-num-só enquanto ponto de partida e ALICERCE para a construção da Feli(z)_Cidade, ao acabar sucessivamente com o INSUCESSO FAMILIAR, o INSUCESSO ESCOLAR e o \$US\$E\$SO \$Ú\$S\$IAL ³⁹ !!!!!!! ⁴⁰



³⁷ E que AMOR mais profundo haverá do que o AMOR de MÃE?

³⁸ Com e!

³⁹ Novamente com ú de súcia e onde o \$ simboliza a nossa cada vez mais \$uicida opção materialista!

⁴⁰ Note-se que este é um projecto que, se o pusermos JÁ em marcha, poderá ser implantado nos próximos 2000 anos. Voluntários precisam-se (telemóvel n.º 933374868)!

E pronto! Chegado que estou – eu, o organizador da manifestação atrás retratada – a mais esta *brilhante (in)conclusão* tão *politicamente incorrecta e atrevida* quanto leal e franca, parece-me que o mais prudente para mim é pôr termo imediato, *não vá o diabo tecê-las*, a esta minha longa-longa teórica⁴¹ e tentar antes corresponder à mais que provável sensibilidade do leitor que já se terá dito vezes sem conta: «*Pois! Pois! Cantas bem mas não me animas!* O que eu quero é saber como devo agir... mais nada!»

Bom! Aqui fico muito *aflito* e pergunto-me: «Mas quem sou eu afinal para dizer seja lá a quem for o que deve ou não deve fazer? Sim, quem sou eu para aconselhar o leitor a ir por aqui ou a ir por ali? Claro que apenas sou... mais *um ninguém*, isto é, mais *um pobre-diabo-à-solta-e-à-procura-da-rolba* que *na fuga para a frente (?)* à tal *aflição* tenderia a retomar o *caminbo mais fácil*, o da teoria pois claro! Sim, o da teoria da marca «Bem prega Frei Tomás, faz o que ele diz, não faças o que ele faz» para uma vez mais, voltando *à carga*, dizer-vos que educar é tão simplesmente (!!!) acabar com o EGOísmo. Ora nascendo o bebé *da barriga-da-mãe para a barriga-da-família*, será naturalmente a esta que cabe começar a dar cabo do EGOísmo, este sem dúvida o *Inimigo Público número um*, o grande culpado do primeiro grande insucesso, o INSUCESSO FAMILIAR, fruto por sua vez do (a)casa(la)mento entre dois EGOísmos egoístas. Sim, para quê continuar com tal blá, blá...blá; blá, blá...blá sem fim? Sim, para quê? Não é a própria sabedoria popular quem já nos avisa *que blá, blás... blá, blás, leva-os o vento?* Então?

Sim, então o que fazer? É que se eu, em mais um momento de fra(n)queza, não fui capaz de dizer NÃO – *mal dito romantismo o meu!* – ao convite para escrever este texto sob o tema «A Família e a Escola», que alternativa me restará senão tentar não ser *mais um teórico-de-boavontade*, isto é, mais um *romântico blábláseiro* mas, pelo contrário, ser antes uma *utilidade concreta* para quem *se arriscar a ler-me?* E não estará aqui precisamente o grande *busilis* de toda esta ESTÓRIA?

E vai daqui entrei em *pânico*. Sim, cheguei mesmo a admitir desistir de tão grande (a)ventura. Mas eis senão quando se me fez luz: «Ora se a teoria não passa regra geral de um *blá, blá... blá, blá... blá, blá que entra por um ouvido e sai pelo outro*⁴², só me resta, de facto, uma SAÍDA: não dizer o que cada leitor deve ou não deve fazer mas antes, isso sim, *correr o risco de fazer streap-tease*, assumindo o TESTEMUNHO de como neste contexto – «A FAMÍLIA E A ESCOLA» – a minha cara metade e eu, nestes só ainda (!) 44 anos de casados, temos tentado ser o *útero familiar*, isto é, o berço-raiz de toda a afectividade sem a qual não haverá educação que nos valha seja lá para quem (e onde) for! É que assim o leitor poderá, então, livremente aproveitar a boleia do que mais o tiver sensibi-

⁴¹ Perdão, o que eu queria mesmo escrever era lenga-lenga teórica!

⁴² Neste caso... que entra por um olho e sai pelo outro!

lizado – (com)*vencido?* – do nosso TESTEMUNHO e *deitar ao lixo* o que não o (com)*venceu*. E – pois claro! – *amigos como dantes...*toca a andar!

É, pois, isto mesmo o que vou fazer. Mas não sem antes reincidir na *tontação* – mais uma! – de, embora por outras palavras, lançar ainda mais uma *dica* para o ar a (re)(re)lembrear a genialidade do **MÉTODO** que não foi por nós *criado* mas sim *creado* por *Aquele* que nos *creou* e simultaneamente nos deu todas as condições para, por mérito próprio – viva o livre arbítrio! – construirmos alegremente a Feli(z)_Cidade, isto é, *o Céu na terra* enquanto METAFINALIDADE das nossas vi(n)das. Ou seja... começar pelo(s) Princípio(s):

1. Temos primeiro que nascer, isto é, sermos filhos para podermos vir a ser Trisavós ⁴³, Bisavós, Avós, Pais, trinotos, bisnetos, netos, irmãos, afilhados, primos, tios, sobrinhos, sogros, genros, noras, cunhados, amigos, colegas ou qualquer outro *sentimento* (?), incluindo o de *cidAdão-e-Eva*!
2. Temos depois que aceitar – que remédio! – sermos à partida ⁴⁴ nada mais nada menos do que *um tubo digestivo munido de uma voz potente numa das extremidades e sem qualquer responsabilidade pela outra*, isto é, aceitar que nascemos com uma natureza instintivoEGOÍSTA. Sim, não está qualquer bebé recém-nascido a *cócózar-se* instintivoEGOísta-mente para os pais, borrando e berrando tudo o que sabe até que estes, por mais *estoirados* que estejam, lhe mudem a fralda e lhe dêem de mamar... madrugada fora? E não é ao facto de continuarmos cada vez mais nas tintas, *cócózando-nos* instintivamente uns para os outros, que chamamos de EGOísmo ⁴⁵?
3. Recebemos, entretanto, *caído do Céu* o tal Livre Arbítrio que nos vai permitir o(u)ptar entre o nosso EGOísmo-de-fábrica, vulgo instinto ⁴⁶ e o ALTRUÍSMO a construir por mérito próprio, vulgo VERDADEIRO AMOR, que nada mais é afinal do que a DESCOBERTA DO OUTRO, isto é, por outras palavras, do VERBO DAR.
4. Foi-nos finalmente dada a grande oportunidade de podermos, por nossa vez, ter filhos para que através destes, enquanto OUTROS nascidos de nós, possamos vencer mais facilmente o nosso EGOísmo-de-fábrica ao sermos capazes de por eles nos sacrificarmos ⁴⁷. Então, e aproveitando o balanço desta primeira tão grande vitória que sabe *a mel*, isto é, a

⁴³ Quem é amigo? Quem é?

⁴⁴ E que grande partida!

⁴⁵ Pois é! Esta é a GRANDE BRONCA da vi(n)da!

⁴⁶ Ou até mesmo – porque não? – AMOR PRÓPRIO!

⁴⁷ E o que é o VERDADEIRO AMOR senão sacrificarmo-nos pelos OUTROS? E se não nos conseguirmos sacrificar pelos filhos, será que o conseguiremos em relação a qualquer outro?

missão cumprida⁴⁸, aprenderemos a pouco e pouco a AMAR também todos os OUTROS que não sendo nossos filhos, são no entanto FILHOS DOS OUTROS compreendendo assim e então que afinal, feitas bem as contas, somos todos uma só e mesma potencial Família de PRIMUS ENTRE PRIMOS! Nada mais...

Bom! E posto isto, diga-me cá caro leitor se não será a Família, enquanto ÚNICA INSTITUIÇÃO NATURAL, A VERDADEIRA ESCOLA... A ESCOLA DO VERDADEIRO AMOR? E neste contexto não será então lógico(?) que, uma vez feito na Família o Ensino Infantil – que corresponde à creche, ao infantário e ao jardim de infância – vá competir agora à Tribo o Ensino Básico; à Comunidade ou Município – como se queira – o Ensino Secundário; ao País a Licenciatura; ao Mundo o Mestrado e ao Universo e Cosmos o Doutoramento Honoris Próprius⁴⁹? VIVA, pois, a construção do VERDADEIRO AMOR que (de)grão a (de)grão – do indivi_dual ao Universal e Cósmico! – enche a Feli(z)_Cidade o papo. SIM, VIVA O OUTRO! VIVA! VIVA! VIVA!!...

E pronto! Vamos, então, a este meu TESTEMUNHO sobre o que a minha(?) *cara-metade-e-eu* fizemos do nosso casamento, ao termos em boa hora compreendido que os filhos – que também somos! – são *a maior invenção das invenções* pois são eles que não só garantem a (e)terna_idade como garantem aos pais, ao não serem de nenhum deles mas de ambos, que estes aprendam O VERDADEIRO AMOR, amando-se... para eles⁵⁰, E, claro está, assim sucessivamente em relação aos filhos dos nossos filhos enquanto futuros pais, avós, bisavós, tetravós, pentavós, hexavós, heptavós & C.^a Ild.^a até ao sei *LÁ* onde! Viva a genialidade⁵¹!

TESTEMUNHO que neste caso e por razões óbvias apenas incidirá, de forma muito resumida, na gestão da relação FAMÍLIA-ESCOLA-EDUCAÇÃO que tenho vindo a considerar e que, neste contexto, vou dividir em três partes – ou não fosse o número *três...a conta que Deus fez*: O CASAMENTO, A FAMÍLIA E A TRIBO...

⁴⁸ E comprida... ou não fôssemos nós pais para toda a eternidade!

⁴⁹ Reler página 62.

⁵⁰ Tal como um benfiquista e um sportinguista só se conseguem unir e serem felizes um com o outro quando se trata de uma vitória da Selecção Nacional que ao estar para ALÉM do Benfica e do Sporting se pode então tornar num AMOR COMUM.

⁵¹ Do gene, pois claro... e não só!

I PARTE

(O CASAMENTO)

Revelação da MÃE EXEMPLAR que tudo *sacrificou(?)*-à-carreira-de-Mãe-a-tempo-e-a-coração-inteiros de seis filhos – 4 rapazes e 2 raparigas⁵² – que foram nascendo dos tais abraços muito especiais que mais especiais não há com o pai desses mesmos filhos, pois claro! Sim, MÃE-A-100% que apesar de se ter licenciado em Biologia com as mais altas classificações, entendeu DOUTORAR-SE EM MATERNIDADE com 20 VALORES enquanto disciplina base do tal DOUTORAMENTO HONORIUS PRÓPRIUS⁵³.

E assim foram os primeiros oito anos de casada em que a VERDADEIRA ESCOLA para os Filhos foi de facto o *útero familiar* de uma MÃE FANTÁSTICA E MARAVILHOSA – que mais fantástica e maravilhosa não há⁵⁴. Sim, VERDADEIRA MÃE que pelo EXEMPLO ensinou assim a toda a Família – incluindo ao pai dos seus filhos, pois claro! – o que é o VERDADEIRO AMOR *versus* EGOÍSMO. Egoísmo ou amor próprio, se assim se quiser!

Uma nova questão, porém, se levantou a esta MÃE/PROFESSORA com a ida da filha mais velha – a Maria João – para a 1.^a classe da então chamada Escola Primária. Sim, como continuar a educá-la e a apoiá-la a tempo inteiro sem *a abortar*, a ela nem aos outros, do seu *útero familiar* de MÃE-a-tempo-inteiro? Foi simples! Muito simples!!!!... Sendo tanto eu como esta MÃE EXEMPLAR professoras, criámos um externato – o EXTERNATO NOVA OEIRAS. Externato onde toda a Família passou, então, a estar na parte do seu dia-a-dia escolar a aprender – cada qual no seu *escalão*, pois claro! – a estudar, a brincar e a fazer amigos, sempre sob a santa afectividade desta MÃE SEMPRE PRESENTE enquanto PROFESSORA, DIRECTORA e MÃE também dos filhos dos outros...os tais potenciais PRIMOS entre PRIMUS!

E assim tudo foi acontecendo *numa boa*! Até que – oh vi(n)da maravilhosa! – surgiu mais uma o(u)pção de fundo a fazer. Sim, há sempre um OU que espera por nós! Que OU desta vez? Ora, é que com toda a filharada no liceu, como conseguir-se uma vez mais que esta MÃE MARAVILHOSA continuasse – por vontade própria, pois claro! – a ser não só MÃE-A-TEMPO-E-A-CORAÇÃO-INTEIROS mantendo, por um lado o sagrado-convívio-das-refeições-a-saber-a-coração-de-MÃE e por outro, o estudo acompanhado a *forrar* cada vez mais de afectividade materna

⁵² Sérgio Manuel (1959), Maria João (1961), Sérgio Manuel II (1962), Nuno Miguel (1963), Magda (1965) e Luís Pedro (1968), dos quais o primeiro nos deixou logo aos 15 dias de vi(n)da. Não foi nada fácil. Ai não foi não!

⁵³ Lembram-se dele (p. 62)?

⁵⁴ Oxalá que todas assim o sejam... oxalá! Mas, repito, melhores não há! Ai não há não...

que maior afectividade não há? E tudo isto sem deixar de continuar a ajudar os filhos dos outros enquanto professora – e que professora! – de Ciências da Natureza e de Matemática.

E uma vez mais foi *fácil*... mesmo muito *fácil* (!!!!!) porque uma vez mais esta MÃE EXCEPCIONAL se autosacrificou continuando a sua carreira profissional ao ir leccionar nos cursos nocturnos de então, mas só depois de já ter dado, pelas 19H00, de jantar à *tropa* toda e ainda (e só) depois de os ter beijado quando estes já na cama se entregavam à responsabilidade de fazer um ÓÓ TRANQUILO! Só isto! Bom! Perguntar-me-ão, agora: Mas, no meio de tudo isto, qual foi então o papel do Pai? Ora foi sem dúvida o mais fácil – desta feita sem pontos de exclamação, pois claro! Apoiar afectiva e efectivamente esta MÃE PROFISSIONAL criando todas as condições e mais algumas para que o VERDADEIRO AMOR DE MÃE, QUE MAIS BONITO AMOR NÃO HÁ, fosse – como realmente foi e continua a ser – o elemento e alimento base que permitiu a construção de uma Família de adolescentes tão equilibrada quanto feliz e muito... *muito certinba*.

Mas...

II PARTE

(A FAMÍLIA)⁵⁵

«Era uma vez uma família, *muito certinba* que tal como quase todas as outras famílias via regularmente e por princípio televisão todas as noites. Até que uma noite, em que mais uma vez a televisão transformara o círculo familiar num semi-círculo de pessoas em paralelo⁵⁶, a locutora apareceu, «sorriu» e anunciou: «Vai ter início dentro de momentos no segundo canal, um filme sobre o inevitável conflito de gerações»...

O pai de família estremece, tem uma forte descarga de adrenalina, acorda e sente que a questão é não só uma questão concreta mas também que envolve todos os presentes! Mais, sente-se particularmente tocado, abana(na)do e responsabilizado:

— Parece-me que isto tem a ver connosco!

⁵⁵ Extracto de uma publicação interna da nossa família – em Família! – sob o título «BOM DIA NÓS 21» (Nova Oeiras, 1984).

⁵⁶ Cuidado, pois, muito cuidado com a televisão que está a acabar com os insubstituíveis serões-convívio-em-família...

A admiração é total! Afinal o pai ainda fala!

- Sim, se o conflito de gerações é de facto inevitável, então pessoalmente demito-me! E demito-me já!... De quê? Ora essa, de pai, claro está! Do que é que havia de ser? E mais, proponho também que vocês se demitam não só de filhos mas também e principalmente... de futuros pais. E tu, Maria Cecília, tu também!
- (...)

Com os olhos *boquiabertos* o silêncio – sempre esse maroto – é um silêncio total mas simultaneamente um silêncio bonito, muito bonito porque honesto, leal e de esperança uns nos outros. E neste silêncio que cobre pela primeira vez o barulho da televisão, ouve-se claramente:

- Sim, há um desafio que não pode ser adiado. Ou será que o Freud tem mesmo razão? Será mesmo necessário *matar o pai*? E se não for, qual é a alternativa? Afinal de contas o que é isso de ser pai? E mãe? E marido? E esposa? E filho? E neto? E irmão? Sim, feitas as contas, qual é afinal o conteúdo mais profundo de todas estas relações? Qual a responsabilidade da família? Será de facto o conflito dialéctico o verdadeiro e único motor da evolução? Macacos me mordam se não há alternativa. Tem que haver! Não haverá lugar para a harmonia? Bolas! No fundo qual é afinal a responsabilidade de cada um de nós? Qual é o nosso papel no meio de tudo isto? Qual é...? É tempo de tomada de consciência, é tempo de assumir responsabilidades, é tempo de acordar! Basta de «logo se vê», de «seja o que Deus quiser» ou de «entre mortos e feridos sempre alguém há-de escapar»! É tempo de dar meia volta! Voluntários precisam-se...

Pois bem, aconteceu então o que podemos chamar A HISTÓRIA MAIS BONITA PARA CONTAR: Todos deram um passo em frente e responderam PRESENTE!

... e assim, sem mesmo nos apercebermos, acontecera naquele momento a fecundação do *Nós 21*: BOM DIA NÓS 21⁵⁷!

E à fecundação seguiu-se naturalmente a gestação em que de tudo aconteceu um pouco. Desde os múltiplos *enjôos* dos Pais – tantos quantos os impasses para encontrar respostas concretas e realistas a todo o desenvolvimento das ideias nascidas nas sucessivas reuniões que *rebentaram* um pouco por todo o lado – até às maiores alegrias e tempos de ternura colectivos, passando por tempos de rotina, tempos de inércia e *outros tempos* tantas vezes indefinidos, amorfos

⁵⁷ Mas o que é afinal o NÓS 21? Calma aí... lá iremos!

e desconfortáveis. Mas uma coisa é certa e é a mais importante: nunca houve ameaça de *aborto*, quer provocado quer natural! De facto, o Nós 21 é um bebé desejado desde a sua fecundação. Esta, aliás, a sua força e a nossa oferta. Uma vontade total de (re)nascer para os outros, de oferecer a nossa luta ao mundo, de prometermos a Vitória Final.

E assim, com esta determinação, a gestação foi acontecendo. E foi acontecendo à medida que na prática se iam encontrando uma a uma todas as respostas concretas à mudança desejada. Primeiro, sempre a tomada de consciência de que as *coisas* podem sempre melhorar. Depois, a capacidade de sofrer para sair dos maus hábitos adquiridos – vencer o ego(ísmo) e dar-mo-nos uns aos outros. Que sim! Que sim! Mas como? Só a força de vontade não chega... «a carne é tão fraca»! Está bem, é certo, mas há que fazer qualquer coisa, lutar. O verdadeiro inimigo está dentro de nós, é o tal egoísmo! Que sim! Que sim! Mas como? Bem, primeiro deixarmos de ter pena de nós próprios; depois, arregaçar as mangas com alegria e começar aos *murros na vida*, na vida que nos esvazia, na vida que faz azia e nos põe à sombra de tranquilizantes para *dormir*... assim não-valium-a-pena-viver! Está bem! Está bem! Mas vamos a factos, vamos p'rá luta, vamos a isto... *palavras leva-as o vento!*

Pois é, temos de agir. Mas, por onde começar? Ora, talvez – e uma vez que queremos servir os outros – por pequenos colóquios abertos à comunidade para desabafarmos em conjunto, partilharmos os problemas que certamente são os mesmos, trocar as nossas experiências de pais, maridos, esposas, filhos, irmãos, etc.. Sim, talvez! Porque não? Está bem! Mas onde vamos nós fazer isso? Bem, porque não mesmo aqui em nossa casa? E a nossa privacidade? E o nosso sossego? E o nosso bem estar? Bem, DAR É DAR, não é? Não é isso o que queremos? Sim. Sim... boa ideia, é mesmo por aí que temos que começar. Mas temos de certa forma que no mínimo prepararmo-nos para dar, ou não? Preparar o coração, isso sim. Dar exemplo de abertura, dar testemunho do que se passa dentro de nós, assumir e conseguir uma honestidade interior contagiante. Certo, certo, mas substancialmente o que poderemos nós fazer mais para apoiar esta dinâmica e dar-lhe capacidade de resposta, de animação, de criatividade? Porque não, por exemplo, um Centro de Documentação? Boa ideia! E espaço para ele? Bem, se a Magda se privar do seu quarto e for para o quarto da João, matam-se dois coelhos de uma cajadada só, não é? Por um lado, os egoísmos da Magda e da João vão ser confrontados e postos à prova – o que é bom, mesmo muito bom – e por outro, ficamos com um primeiro espaço livre que simultaneamente simboliza a nossa primeira *grande* vitória concreta: o Centro de Documentação. E de minivitórias em minivitórias enche a vitória o papo! João?! Magda?! Que dizem a isto? Bem, DAR É DAR, não é? Poderíamos também traduzir textos de apoio, dactilografá-los e depois fotocopiá-los e distribuí-los! Mas nenhum de nós sabe escrever à máquina... Bem, mas isso aprende-se, ou não? Sim, é certo, mas custa dinheiro e... tempo.

Mas, DAR É DAR, não é? Então, se a Maria João, a Magda e a Alexandra⁵⁸ tirarem um curso de dactilografia, não dá? Claro que dá! E o tempo, esse vai-se buscar ao tempo dos «amigos», ao tempo dos «cinemas», ao tempo das *pastilhas elásticas*... faz que anda mas não anda! E o dinheiro? É simples, à mesma fonte: o dinheiro das *bicas*, o dinheiro dos *cinemas* e o dinheiro dos *finis de semana para esquecer*! DAR É DAR, não é? E já agora, porque não tirar um curso de corte e costura? Assim poderíamos não só fazer a nossa roupa – mais dinheiro a entrar – como ainda fazer pequenos cursos. Boa! Belíssima ideia! E é tão simples!

E nós os rapazes, como é? Nós também queremos DAR! Bem, o Sérgio pode avançar com a olaria, o Pardal com uma oficina auto e o Nuno e o Luís... O Nuno e o Luís? Qual é o problema? É que eles têm que estudar... Calma aí! E que estão eles a estudar, não é gestão? Pois é, bate tudo certo. Certo? E tempo para acumularem os estudos com o apoio à olaria e à oficina? Então o dia não tem 24 horas⁵⁹? Reparem: 8+8+8 dá três períodos de tempo que dão perfeitamente um para descansar, outro para trabalhar ou estudar e outro para dar aos outros... Viva! Isso é uma verdadeira maravilha, uma verdadeira regra de ouro! Bravo! Bravo! Estamos a avançar. Ou bem que DAR É DAR, ou bem que não é!

E o dinheiro para tudo isto? E o espaço? E as infra-estruturas? E o etc...? Mas são ou não são precisamente tais dificuldades que nos unem? Então, em frente... marche! Sim, porque não um clube de montanhismo? E uma estufa de plantas? E uma *boutique* para venda dos *nostros produtos*? E uma editora? E um jornal? E uma minitipografia? E um gabinete de artes gráficas? E um minilaboratório de fotografia? E...? E...? E não será, porém, o mais bonito e mais importante de tudo isto – quaisquer que sejam as habilidades escolhidas! – a consequente GESTAÇÃO INTERIOR dos hábitos a que tais desafios nos vão obrigar?

E foi assim que os bons hábitos começaram a ser uma maravilhosa *fatalidade*: levantar cedo todos os dias, incluindo – pois claro! – fins de semana, férias e feriados; acabar com os quartos *egoistamente* individuais; organizar tarefas em comum⁶⁰; tomar todas as refeições em Família; iniciar uma entreajuda nas tarefas da casa; aprender a versatilidade, a tolerância e o perdão; transformar a sala de estar em sala de SER, isto é, em SALA-DE-DAR... de nos darmos uns aos outros e... não só⁶¹! Etc., Etc., Etc. DAR É DAR (ou) não é?

⁵⁸ A primeira nora da *tribo*. À qual se seguiram a Dalila e a Cristina a juntar aos genros Rui e Jorge... pois claro!

⁵⁹ E ainda a noite toda!!! Ah! Ah! Ah!

⁶⁰ Como, por exemplo, tratar do quintal!

⁶¹ Assim, por exemplo, hoje a sala que era a sala de estar é uma sala polivalente onde se pode fazer as refeições, ver televisão, ouvir rádio, jogar ping-pong, realizar colóquios, cursos vários ou conferências, tudo apoiado pelo respectivo material (mesas, quadros de conferências com écran acoplado, projectores de slides, transparências e opacos, etc.).

(...)

E foi assim que o NÓS 21 foi crescendo enquanto ESTADO DE ESPÍRITO. Sim, o NÓS 21 não é uma pessoa; não é um par de namorados; não é um parzinho de noivos; não é um casamento; não é uma *lua de mel*; não é uma Família; não é um clã; não é uma tribo; não é um *brasão*; não é uma *terrível máfia* qualquer ou tão pouco uma seita fanático-fundamentalista; não é uma cooperativa; não é um clube de bairro; não é um condomínio paranoicamente fechado e assente no prazer, no lazer e no bem estar material em si mesmo; não é uma comunidade; não é um País, não é uma Pátria; não é uma Mátria; não é uma bandeira; não é um hino; não é um Movimento; não é um Partido; não é uma Religião; não é um Sindicato; não é uma Associação Patronal; não é uma Federação; não é uma carreira; não é uma profissão; não é um nome próprio; não é um apelido; não é uma alcunha ou tão pouco uma qualquer outra Instituição que se possa oficializar! Então, o que é? ORA É TÃO SIMPLEMENTE UM ESTADO DE ESPÍRITO ⁶², O SENTIMENTO QUE REPUDIA O EGOÍSMO E ASSUME COM ALEGRIA



A (CO)RESPONSABILIDADE DA VERDADEIRA (RE)VOLUÇÃO QUE É O CRESCIMENTO DE TODOS SEM EXCEÇÃO À SUA INTERINDEPENDÊNCIA ONDE NINGUÉM SE SERVE DE NINGUÉM MAS ONDE TODOS SÃO (CO)RESPONSÁVEIS PELA CONSTRUÇÃO DA FELI(Z)_CIDADE. E é por tudo isto que o respectivo logotipo nasce de corações unidos numa acção-de-dar-e-receber que envolve com todo o carinho do mundo, do cosmos e dos seus arredores o pronome NÓS e o número 21. Sim, não é o pronome NÓS o único onde cabemos todos na mesma (co)responsabilidade creativa e interindependente e o número 21 o deste novo século que nos predispõe à construção da Feli(z)_Cidade?

⁶² ESTADO DE ESPÍRITO que tem a sua sede natural em cada indivíduo, casal, família, tribo, nação, continente, mundo, universo e cosmos que queiram treinar em conjunto este BOM COMBATE da construção da Feli(z)Cidade primeiro aqui na Terra e depois no lado de LÁ!

III PARTE

(A TRIBO) ⁶³

«... e eis senão quando começaram os casamentos. «Como o tempo passa ⁶⁴! E vai daqui – quem o diria! – não é que começaram a nascer os ainda só (!) 19 netos e mais três a caminho... para já? Sim, para já, pois os restantes pais continuam a *treinar* – pois claro! – para que venham a nascer sempre e cada vez mais vi(n)das até terem que passar aos filhos – como já é o meu (o) caso!!! – o *testemunho* desta *corrida de estafetas*, vulgo *espiral das Gerações & Gerações C.^a Ild.^a*.

E foi assim que, fazendo jus ao ditado popular que nos diz que «*Quem casa quer casa*», as casas dos nossos filhos se foram multiplicando. E na base de um profundo sentimento de entreajuda, já entretanto construído em Família – educado? –, algo de muito agradável pôde começar a acontecer. O quê? Ora algo que se não tivesse acontecido – hoje não temos qualquer dúvida! – não haveria *tribo* para ninguém. Sim, o facto maravilhoso de – oh surpresa das surpresas! – à medida que os pares iam casando, irem também optando por viver a 5 minutos, a pé, uns dos outros, com *epicentro* na casa dos Pais ⁶⁵.

Isto, claro, assumindo conscientemente a *boa penitência* que é estarmos todos com todos, todos os dias... o que desde já podemos garantir, não é nada fácil! Só que não sendo fácil é quanto a nós a *condição necessária* para se poder investir na construção de uma *tribo*. Sim, será que um homem e uma mulher não estando um com o outro todos os dias durante os dias todos – casamento? – poderão construir ⁶⁶ o VERDADEIRO AMOR? Sim, qual o mérito de uma boa relação entre pessoas que se encontram uma vez por ano no Natal para trocarem prendas e nada mais?

Foi, pois, assim que esta opção de nos encontrarmos todos com todos, todos os dias, nos *abriu os olhos* e nos fez compreender ser esta a *condição necessária* – se bem que não suficiente! – para desenvolvermos um *ESPÍRITO TRIBAL* que hoje já nos sabe tão bem naquilo que já fomos capazes de construir *dentro e fora de nós*. Construir e descobrir o dentro e o fora de nós que nos faz sentir cada vez mais – e isto talvez seja até o mais importante de tudo – que... é **por aqui**. Isto é: que tudo que já descobrimos e construímos dentro e fora de nós nos dá um *animus* cada vez maior para um também cada vez maior investimento

⁶³ Extracto de uma «Carta aberta de uma Tribo Portuguesa às Famílias Portuguesas».

⁶⁴ Ou somos nós quem (se) passa?

⁶⁵ Intuição?

⁶⁶ Descobrir?

nesta *bolsa de valores*, quiçá a *verdadeira moeda única* de uma entreajuda cada vez mais sincera, lúcida e profunda...em espiral.

Note-se, entretanto, como o facto das casas dos filhos irem nascendo à distância de cinco minutos, a pé, entre si e com o *epicentro* na casa dos Pais permitiu naturalmente que esta se tornasse, por todas as razões e mais uma, no ÚTERO MÃE DO NÓS 21. Isto – claro está! – na parte da (co)responsabilidade que nos cabe na construção da tal FELI(Z)_CIDADE que espera por nós. ÚTERO TRIBAL que, ao reunir, todos os domingos, em almoços e lanches (re)lembrando aqueles *acepipes-com-sabor-a-coração-de-mãe* e agora também *a-coração-de-avó* e aos quais genros, noras e netos passaram a chamar também um figo, veio providencialmente ajudar – e de que maneira! – a que fosse nascendo naturalmente um SENTIMENTO DE EMPATIA TRIBAL que no seu CRESCENDO EM ESPIRAL veio a dar hoje a nossa MINIALDEIA, em plena construção no LIVRAMENTO, sob o nome de ALDEIA TRANQUILA⁶⁷.

Mas voltemos, então, ao que aqui nos trouxe, o tema «A FAMÍLIA E A ESCOLA», deixando para outra oportunidade – se esta nos vier a ser dada! – a gestação da ALDEIA TRANQUILA no seu todo. Ou seja, (re)lembrando o que já lá atrás dissemos, tudo começou quando a nível individual nos comprometemos a pensar mais nos outros do que em nós próprios. É que – não nos iludamos! – sem a tal *meia volta cá dentro* nunca haverá FELI(Z)_CIDADE para ninguém, independentemente da nossa condição de...OctaAvós, HeptaAvós, HexaAvós, PentaAvós, TetraAvós, TriAvós, BisAvós, Avós, Pais, Filhos, Netos, Irmãos, Tios, Sobrinhos, Primos, Sogros, Genros, Noras, Cunhados, Compadres, Amigos, Colegas ou qualquer outro SENTIMENTO e respectivas acumulações e combinações n-a-n incluindo o de *CidAdão-e-Eva*.

Ou seja ainda: cada qual assumiu – que remédio! – o compromisso de começar a DOMINAR o seu INSTINTO, ou se assim o quisermos, o seu AMOR PRÓPRIO vulgo EGOísmo para a partir daqui, (re)(re)(re)...pito, embora por outras palavras, descobrir segundo a segundo do seu dia a dia concreto os cinco sentidos não como um fim em si mesmo, isto é, como o FALSO AMOR assente no prazer pelo prazer que acaba no cadáver, mas antes como um meio para DAR ALEGRIA aos outros enquanto SENTIMENTO (E)TERNO, este sim, O VERDADEIRO AMOR EM ESPIRAL onde há sempre mais ALEGRIA E METAMEGAALEGRIA a acrescentar... (e)tern(a)idade fora!

Bom! E voltando de novo à *descoberta genial* de voluntariamente nos encontrarmos todos, todos os dias, com todos, foi natural que fossem acontecendo – e continuem a acontecer! – relações-e-relações-sortidas-de-contra-e-com-vivências inerentes ao choque natural ou à empatia de (in)sensibilidades,

⁶⁷ A cerca de 10 km de Mafra

(i)maturidades, expectativas e protagonismos n-a-n como *material de reflexão tribal*. Reflexão para induzirmos, dos efeitos visíveis, as CAUSAS INVISÍVEIS (?) e tentarmos assim saber com a ajuda uns dos outros quais as leis que não fomos nós que fizemos mas nos fizeram, isto é, QUEM SOMOS, DE ONDE VIMOS E PARA ONDE VAMOS.

Daqui, e relativamente ao QUEM SOMOS, não nos ter sido difícil compreender que somos a cada momento os sentimentos que estamos a SER e não os que não estamos a SER ou que gostaríamos de estar a SER. Simples, não é? Claro está que, ao compreendermos isto, compreendemos também que estamos – para o melhor e para o pior! – nos sentimentos uns dos outros como parte integrante e intrigante das circunstâncias que os detonaram.

Assim sendo, porque não aproveitar então esta boleia método_lógica para fazermos em conjunto o *balanço tribal* dos prós e dos contras que estamos eventualmente a ser uns para os outros, independentemente das nossas *boas intenções* das quais, claro, e como não podia deixar de ser... está o *inferno* cheio?

E assim nasceram espontaneamente reuniões de *balanço tribal* onde procurámos em conjunto encontrar formas práticas e convincentes de dominarmos o nosso EGO_ísmo, egoísmo que encontrámos sempre – oh surpresas das surpresas!!! – como o *dominador comum* de todas as nossas dificuldades de relação, fossem elas quais fossem. Quem diria, eihm!!! E uma vez mais concluímos que ou *dominamos* o nosso EGO_ísmo, ou não haverá nunca Feli(z)_cidade para ninguém, seja esta individual, conjugal, familiar, tribal, comunitária, nacional, mundial, Universal ou Cósmica⁶⁸.

E foi assim, então, que assumimos como *verdade absoluta – que remédio!* – que a tendência para o *disparate que nos estraga as vi(n)das* é sempre muito mais forte do que a nossa pobre força de vontade, sempre... com tão pouca força. E que, portanto, ou juntamos todas as nossas pequeninas forças numa grande força colectiva, ou o nosso EGO_ísmo-de-estimação continuará a ser *quem mais ordena*. E assim, juntando os *trapinhos*, fomos inventando meta_truques para tentar *virar o bico ao prego* do nosso tão querido EGO_ísmo para que este não nos *pregue* mais *partidas em falso!*

Daqui o ter ficado bem assente entre todos nós que nos cabe a boa respons(h)abilidade de nos darmos mutuamente *injecções de lucidez* que pela sua e_vidência indiscutível, nos retirem margem para qualquer dis_tra(i)ção ou recurso subconsciente (?) a resistências desculpabilizantes e alibis com que leviana e avoadamente nos autodestruímos. A título, então, de exemplo concreto (e só isso) vejamos, entre tantos e tantos outros nascidos das nossas reuniões de *doping espiritual*, um que tanto nos tem ajudado a *seguir em frente*. Alguém disse:

⁶⁸ Bem (e)feito! Bem (e)feito! Bem (e)feito!

«Bom! Nós, os mais crescidos da tribo somos 6 casais, não é? Portanto, 12 potenciais EGO_istas. Ora se cada um de nós egoistamente se preocupar só consigo – os outros que se amambem! – só terá naturalmente (causa → efeito) uma só pessoa preocupada consigo, pessoa que ainda por cima é a mais suspeita de querer apenas o seu próprio bem, como se este fosse possível sem a contri-buição do outro. Mas se cada um dos doze se preocupar, não consigo mesmo, mas antes com os restantes onze, então não só não será autosuspeito de querer usar os outros em proveito próprio como terá onze pessoas preocupadas em vê-lo feliz, o que convenhamos para os dias de hoje já não é... nada mau!»

E é incrível como a partir da interiorização concreta de algo tão simples – pelo menos de compreender! – conseguimos, de pequeninas (GRANDES) vitórias em pequeninas (GRANDES) vitórias, ser capazes de passar da *poesia* à prática e encontrar a força necessária para irmos construindo um coração cada vez mais *tribal* de todos com todos para todos. E tudo isto, note-se bem, pela simples compreensão concreta (que não teórica) de uma prática vivida por todos com todos. Vivência esta que não deixa a qualquer de nós, os *voluntários protagonistas desta eventual loucura*, dúvidas de que DAR é mesmo bem melhor do que receber. Mas atenção: isto se este DAR for dar aos outros e não a nós mesmos. É que a mesma prática confirma-nos que quanto mais dermos (?) a nós próprios, mais *cheios de nada* ficamos, ao passo que quanto mais alegria dermos aos outros, mais cheios desta também ficaremos.

E hoje felizmente, ao já conseguirmos **de vez em quando** DAR mais atenção aos-outros-onze-do-mesmo-compromisso do que a nós próprios, logo estamos a receber de vez em quando – oh coincidência das coincidências! – precisamente onze vezes mais do que recebíamos. E é por isso que hoje já não conseguimos voltar a trás para dar o dito por não dito. Sim, quem é que tendo já sentido um só *cbeirinho* que seja a Feli(z)_Cidade quer *voltar ao vômito* ou voltar a *remexer-se na lama*?⁶⁹

E foi assim que decididamente mandámos a *solidão às urtigas* e começámos, duma forma cada vez mais sistemática (consciente?) porque integrada já enquanto *maneira de estar na vida*, a auto_interrogarmo-nos em conjunto sobre o nosso papel nesta *boa bagunça tribal*. Sim, o que será isso de ser um bom avô, avó, pai, mãe, tio, tia, filho, filha, irmão, irmã, cunhado, cunhada, sogro, sogra, genro, nora, primo, prima, sobrinho, sobrinha e qual o *denominador comum* a todos estes sentimentos e respectivas combinações n-a-n e suas acumulações para

⁶⁹ «Com efeito se aqueles que fugiram das corrupções do mundo pelo conhecimento de Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador, se deixam de novo enredar e vencer por elas, o seu último estado tornar-se pior do que o primeiro. Melhor fora não ter conhecido o caminho da justiça do que, depois de o terem conhecido, voltar a trás, abandonando a lei santa que lhes foi ensinada. Aconteceu-lhes o que diz aquele provérbio verídico: «O cão voltou ao seu vômito»; e «A porca, apenas lavada, revolveu-se na lama» (in *Bíblia Sagrada*, Novo Testamento, Cartas Católicas, 2 Ped 2:20-27).

dar agora um bom par, uma boa família, uma boa *tribo* e por aí fora de bombom em bombom até à Feli(z)_Cidade?

Pois é! Quem diria que – Oh espanto dos espantos!!! – iríamos uma vez mais chegar à mesma conclusão: o *denominador comum* para que todos estes sentimentos (missões?) e relações tribais dêem certo e cumpram a sua *quota parte* no todo, é tão só – que grande novidade! – o DAR... DAR... DAR. Sim, o DAR atenção incondicional aos outros, naturalmente sempre dos mais velhos (que também são mais novos) para os mais novos (que também são mais velhos). E isto tanto vertical como horizontalmente, desde que claro o mais velho seja sempre sinónimo de o mais maturo.

Compreendemos ainda que não só a única Educação eficaz e legítima é a do EXEMPLO (*bem prega S. Tomás...*) como também que o EXEMPLO-CHAVE de toda a aprendizagem do VERDADEIRO AMOR é sem sombra de dúvidas o AMOR DE MÃE e... vá lá, vá lá (por tabela) o de PAI também. Ou seja: Se todas as mulheres forem mães (sentimento) de todos os mais novos, sejam estes avós, pais, filhos, netos, irmãos, cunhados, sobrinhos etc., etc., etc., e todos os homens forem pais (sentimento) dos mesmo mais novos também, tudo fluirá alegremente sem sobressaltos rumo à Feli(z)_Cidade de todos nós. E aqui tudo ficou, então, dependente de encontrarmos como sempre por unanimidade⁷⁰, o conceito concreto de pai e de mãe, nada mais.

Vejamos, agora, mais algumas das (in)conclusões a que chegámos nesta nossa meta-mega-investigação *tribal* por conta própria:

- Ser MÃE É DAR CADA VEZ MAIS LUZ À VI(N)DA. Isto é, DAR-À-LUZ mais vi(n)das não por ter *parido crias* depois de ter sido *coberta* por um *macho com cio*, mas sim por, após uma rela(cora)ção sexual ter ficado grávida de um bebé que vai ser creança com ê... pois claro. Sim, SER MÃE é DAR aos filhos que vão ser pais e mães a seu tempo o EXEMPLO da entrega total e incondicional que é o VERDADEIRO AMOR. Sim, é ensinar a todos à sua volta o que é no concreto o serviço incondicional, o sacrifício voluntário, o sentimento não EGOísta. A MÃE É, POIS, A CHAVE-MESTRA DA CONSTRUÇÃO DO AMOR UNIVERSAL E CÓSMICO SEM O QUAL NÃO HAVERÁ PAZ NO MUNDO E, PORTANTO, FELI(Z)_CIDADE PARA NINGUÉM⁷¹.
- Ser PAI é compreender muito profundamente o que é ser MÃE. Sim, é **imitá-la** no seu SENTIMENTO MAIS PROFUNDO, que mais profundo

⁷⁰ Que fique bem claro: na nossa Tribo não há cá (demo)cracia nem meia (demo)cracia que nos valha! Ou há unanimidade ou comem todos com o sofrimento de... qualquer impasse ou birra!

⁷¹ Ou não fosse EVA – onde é que eu já li isto? – a Árvore do conhecimento do bem e (ou) do mal!

não há, de dadora de amor incondicional, isto é, de *dadora de sangue espiritual*, dadora do sangue que é (v)ida (e)terna, que é a essência da vi(n)da e a alma da (v)ida. O PAI É, POIS, O APOIO INCONDICIONAL À MÃE EM TODO O PROCESSO A QUE CHAMAMOS EDUCAÇÃO, AMANDO A MÃE DOS SEUS FILHOS... PARA ESTES E SEM NUNCA ESQUECER A GRATIDÃO DE ATRAVÉS DELA TER PODIDO SER PAI: Isto é: criar todas as condições tanto afectivo-espirituais como efectivo-materiais\$ para que a esposa possa ser também sua MÃE e ele MÃE dos seus filhos e dela também. OU NÃO SEJA O AMOR MAIS PROFUNDO E VERDADEIRO QUE MAIS PROFUNDO E VERDADEIRO NÃO HÁ PRECISAMENTE O AMOR DE MÃE... Pois é!

E foi assim que as 5 potenciais MÃES da nossa potencial tribo decidiram lutar contra o seu EGOísmo de fábrica, optando naturalmente por virem a ser MÃES DE FACTO e para isso... casaram-se. E, então, quando as já MÃES de um filho e potenciais MÃES de mais filhos compreenderam que se cada casal não se multiplicar ou apenas der uma vida, apenas estará a contribuir com metade do par (?) e portanto se todos assim fizerem⁷², será *fatal como o destino* que, de metade-em-metade, a VIDA a seu tempo... *irá à (v)ida*. E assim intuindo tudo isto as nossas MÃES alegremente optaram – em boa hora! – por terem bastantes filhos⁷³. Isto, claro está, com o pleno acordo e aplauso dos respectivos PAIS. Mais ainda: estas MARAVILHOSAS MÃES, perante o compromisso voluntário de terem bastantes filhos e apesar de praticamente todas terem formação superior, decidiram – sempre de acordo com os PAIS – optar, pois então, pela PROFISSÃO DE MÃES A TEMPO E SACRIFÍCIOS INTEIROS logo que nasceu o primeiro filho... isto conscientes de todas as implicações inerentes a tal opção. Implicações sem conta mas que uma vez superadas por MÉRITO PRÓPRIO, irão permitir que a MÃE VITORIOSA (se) tenha (re)creado aqui na terra o potencial VERDADEIRO AMOR – o CÉU? – do qual e para o qual nasceu.

E foi assim que, *grão-a-grão*, as nossas NOVAS MÃES e os nossos NOVOS PAIS, isto é, as VERDADEIRAS MÃES e os VERDADEIROS PAIS dos meus (?) 19 netos e mais três a caminho... para já (!), optaram por assumir A MATERNIDADE como a VERDADEIRA CARREIRA das suas VI(N)DAS e (V)IDAS, (com)*correndo* para o efeito à ESCOLINHA DAS MÃES que elas próprias inventaram com o apoio dos

⁷² Salvo, claro, se os não puder ter por esterilidade de uma das partes...

⁷³ Atenção, porém: bastantes filhos, sim, mas não no que se refere ao número em si mesmo mas, isso sim, no que se refere ao facto de que o VERDADEIRO AMOR DE MÃE apenas se poderá desenvolver se e quando esta se auto-obrigar voluntariamente a ter mais filhos para que assim se consiga desgoistar cada vez mais e ser um EXEMPLO cada vez maior de um EGOísmo cada vez menor!

PAIS... pois claro! PAIS que mais que nunca ficaram rendidos ao VERDADEIRO AMOR das MÃES pelos filhos, isto é, no fundo, no fundo... por eles!

E como é que então, neste contexto, 5 MÃES de 19 primos e mais dois a caminho... para já (!) podiam aceitar entregar os seus filhos a professoras que sendo estas também MÃES de filhos têm que, para por sua vez poderem ser professoras, entregar os seus filhos a outras professoras e assim sucessivamente, *de especialista (?) em especialista (!?) num nunca mais ninguém vai poder recuperar o temp(l)o que não esteve com os seus filhos* – nem os filhos com a MÃE! – quando é isto que estes precisa_mente precisam e já tão pouco sabem em quem hão-de acreditar e seguir. É que sem pôr de modo algum em causa a boa motivação, a honestidade e a competência técnica destas *mães-de-aluguer*, vulgo professoras, que assim *ganham a vida* (?), a realidade é que, sendo *cada cabeça sua sentença*, os filhos ficam divididos, as clínicas de terapia familiar multiplicam-se e a cada carência seu (des)sentimento!

Sim, o que será de facto mais importante para um filho ou filha, para um sobrinho ou sobrinha? É ter uma MÃE e TIAS que os ensinem a AMAR... AMANDO-OS, ou terem antes uma *professor(a) especializado(a)* que os enche de técnicas e conhecimentos com vista a prepará-los para derrotarem – por qualquer meio!⁷⁴ – o adversário na alta competição de uma economia de mercado desta *\$úcidade com\$umi\$ta que no\$ com\$ome a todo\$ num cre\$cente cada vez mai\$ vampire\$co e (vam)piro\$*? E quem deve estar afinal na posição de sujeito: o conhecimento de fora para dentro ou o (BOM)SENTIMENTO de dentro para fora? Sim, qual destes é o cavalo e qual o cavaleiro? E, dos dois, qual deve estar a MONTANTE, isto é, ser a EDUC(or)AÇÃO? E que viemos nós cá fazer a esta vida? Aprender a SER *Senhores Doutores* ou antes a ser PAIS, MÃES e AVÓS *doutorados em sabedoria-do-coração*? E não será esta a VERDADEIRA ESCOLA?

QUE (ES)COLA? QUE EDUC(or)AÇÃO?

Pois bem! (Es)cola há só uma, a do coração e mais nenhuma! A (es)cola que cole todos num só. (Es)cola empática que ligue todos sem, no entanto, prender ninguém. (Es)cola humana que cole todos num só EU GRANDE⁷⁵ sem no entanto diluir o-eu-sou-eu. (Es)cola biocosmotransparente que (trans)forme todos num só e mesmo ESPÍRITO, espírito tão grande, tão grande, tão grande que lá não caiba nem o ódio, nem a raiva, nem a guerra. (Es)cola-tudo que seja um eu-tu-ele-nós-vós-eles, todos (es)colados num só... (re)união interindependen-

⁷⁴ Incluindo arrancar olhos... pois claro!

⁷⁵ NÓS 21?

dente e corresponsável do para já (e no nosso caso) de todas as mães e filhos unidos na construção de uma *tribo* feliz enquanto contributo para a construção da Feli(z) Cidade de todos nós⁷⁶:



1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+...=1
E assim nasceu a (nossa) ESCOLINHA DAS MÃES⁷⁷

Ou seja:

A escola que prepare para a (V)IDA que é sempre *o-dia-seguinte* onde se (a)prenda a vencer *o-egoísmo-de-fábrica* ⁷⁸ e a construir a espiral do VERDADEIRO AMOR, onde haja sempre mais uma vitória sobre o que não presta, a acrescentar. Escola onde a instrução, o ensino, a transmissão de conhecimentos, as aprendiza-

⁷⁶ A presença só das Mães nesta fotografia não anula de modo algum a presença dos pais que, neste contexto é apenas... invisível! Mas atenção: um invisível que neste caso não é, de modo algum, uma presença apenas simbólica ou abstracta, mas sim uma realidade concreta e substancial em espírito, isto é, uma VIBRAÇÃO a captar subliminalmente. Tá?

⁷⁷ Claro que esta fotografia – incluindo os invisíveis pais, pois claro! – é simultaneamente a minha bibliografia.

⁷⁸ Vulgo instinto... repito... repito... repito.

gens, as técnicas e tudo o mais que dê acção concreta – livros, jogos, brinquedos e (brin)cadeiras – nunca sejam FINS em si mesmos mas sempre e só MEIOS de EDUC(or)Ação, sempre e só (bom)bons (pre)textos para se apre(e)nder e integrar o VERBO DAR. DAR tudo aos outros sem nada pedir em troca, tal como disse Madre Teresa de Calcutá: «Nunca aceitar nada que se não possa... partilha(da)r»⁷⁹. Escola onde as mães aprendam a ser mães também dos seus sobrinhos e irmãs das suas cunhadas, tal como os primos aprendam a ser também irmãos e filhos de todas as suas tias. E, claro está, todos um só (pre)SENTIMENTO já agora também de AVÓ EM SOL MAIOR, AVÓ/MÃE de todas as horas e noras também, e assim sucessivamente, até todos ficarem (es)colados num só!

Note-se finalmente que embora a nossa ESCOLINHA DAS MÃES tenha nascido para substituir as Creches, Infantários, Jardins de Infância e Pré-Primárias em que os meus 19 netos e mais três a caminho (para já!) teriam sido *deposi-tados*, contém bem no fundo do seu coração a esperança de vir a ser um-contri-buto-semente que ao longo dos próximos *dois mil anos* venha a dar a (ES)COLA **TODOS NUM SÓ**. Semente de um NOVO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL que assuma para todas as escolas do país, o texto que se segue que, aliás, nada mais é do que o acima sublinhado devidamente reciclado em função da espiral da educ(or)ação: «Escola onde os Professores aprendam a ser também *Pais e Mães* dos seus alunos, *Tios e Tias* de toda a população escolar, *irmãos e irmãs* dos seus colegas de turma e *primos e primas* de todo o restante Corpo Decente(!); tal como os alunos aprendam a ser, por sua vez, *irmãos e irmãs* dos seus colegas de turma, *primos e primas* de todo o corpo discente, *filhos e filhas* dos Professores comuns à sua turma e *sobrinhos e sobrinhas* dos restantes Professores da Escola, todos em treino intensivo para virem a ser, em temp(l)o, Avós de todos, isto é, (A)VOZ DA CONSCIÊNCIA e da SABEDORIA DOS ANCIÃOS que nos cabe a todos nós METASER antes de... **ir embora**»⁸⁰!

NOTA FINAL

Como protagonistas voluntários (pioneiros?) desta *Escolinha das Mães sob a batuta sem batota de uma Avó* (Mãe e Sogra também) cuja finalidade básica e objectivo essencial é a (trans)formação do EGO_ísmo de fábrica em ALTRU_ísmo de (auto)sangue, suor e lágrimas ou, por outras palavras, a (trans)formação do

⁷⁹ Reticências e parêntesis, meus!

⁸⁰ Lembra-se do tal DOUTORAMENTO HONORIUS PROPRIUS? Pois é! É este mesmo, outra vez, a atacar!

instinto em AMOR, cabe-nos sugerir e tentar abrir um novo caminho. Daqui esta nossa proposta não só em relação a nós próprios mas também a todas as Escolas do actual *Sistema de Ensino* que sentimos serem (e sermos) (co)irresponsáveis pelo aumento galopante do *Insucesso Escolar* e do conseqüente *Insucesso Social*. É, pois, neste contexto que (nos) propomos três medidas para acabar com o *Insucesso Escolar* e recuperar o *Sucesso Familiar* de todos (ES)**colados num só**, base para o sucesso (ES)**colar** e este, por sua vez, base para o *Sucesso Social* de uma (auto)*estima colectiva, Universal e Cósmica*.

Assim:

1. Só poderão adquirir a condição de alunos os cidadãos dos zero aos cento e vinte anos que provarem, pela prática do dia-a-dia e pelo menos durante três anos, que já não são egoístas. Só então poderão aprender a ler, a escrever e a contar ou adquirir outros conhecimentos gerais ou específicos, mesmo que tal só aconteça aos dez, vinte, trinta ou mesmo cento e vinte anos. Se nem mesmo assim houver condições para tal, santa paciência! Então, já só do lado de **LÁ!**
2. Só poderão ser Professores aqueles cidadãos que, colocados frente aos alunos, recebam espontaneamente da parte destes, não o tratamento de *setor* ou *setora*, mas sim de Pai, Mãe, Avô ou Avó.
3. Nas pautas de avaliação a afixar no final de cada período deve deixar de constar os nomes dos alunos para passar a constar, isso sim, os nomes dos pais e respectiva avaliação (também de 1 a 5), em função dos comportamentos dos filhos. Passará então a haver, quanto muito, uma maior ou menor percentagem de Insucesso Familiar, Conjugal ou Social, como se queira!

E pronto! Eis mais uma Trindade que, como qualquer outra Trindade que se preze, reúne as *três medidas numa só*: «Qualquer saber, técnica ou aprendizagem só será útil e portanto conseqüente na construção da Feli(z)Cidade se quem os adquirir – seja lá quem for – já não seja EGO_ista».

Bom! E já agora para terminar – palavra que desta vez é que é!⁸¹ – vejamos as informações que neste contexto couberam aos PAIS dos meus NETOS no final do 1.º ano do Primeiro Ciclo dos seus filhos, depois de estes não terem frequentado qualquer Creche, Infantário, Jardim de Infância ou Pré-Primária mas apenas e só – a nossa? – ESCOLINHA DAS MÃES:

⁸¹ UF!

Interrogação

Interrogação

Interrogação

Interrogação

Interrogação

Interrogação

Interrogação

Interrogação

Interrogação

Mas perguntar(me)ão: e no meio de tudo isto qual foi então – e é agora! – o papel dos PAIS? Ora bem, tal como as MÃES, os potenciais PAIS da nossa potencial *tribo* optaram também por lutar contra o seu *EGOísmo-de-fábrica* e neste contexto por se tornarem PAIS-DE-FACTO. E para isso... casaram-se. E quando os já PAIS de 1 filho e potenciais PAIS de mais filhos compreenderam que se cada casal não se multiplicar⁸² ou apenas der uma só vida, estará a contribuir apenas com metade do par e portanto se todos assim o fizerem será *fatal como o destino* que de metade em metade-da-metade a VIDA a seu tempo... irá à (V)ida. E assim intuído tudo isto, os nossos potenciais PAIS optaram alegremente e em muito boa hora também por terem bastantes filhos. Isto, claro está, com o pleno acordo e aplauso das respectivas MÃES. E foi assim que os PAIS, perante o compromisso voluntário de ter bastantes filhos e independentemente de serem doutores ou não – sim, isso que interessa ao caso? – decidiram assumir o compromisso sagrado⁸³ de garantirem todas as condições espirituais-e-materiais para as MÃES poderem ser MÃES-A-TEMPO-E-SACRIFICIO-INTEIROS – e isto conscientes de todas as implicações inerentes a tal opção. Implicações sem conta que uma vez superadas por MÉRITO PRÓPRIO, irão permitir que o PAI VITORIOSO (se) tenha (re)creado aqui na terra o potencial VERDADEIRO AMOR – o Céu? – do qual e para o qual também nasceu.

E como é que então, neste contexto, 5 PAIS de 19 netos e mais três a caminho... para já (!) iriam desperdiçar esforços *a servir* (?) patrões que pensam mais na exploração dos outros do que em dar às esposas dos seus *empregados* as condições para que estas possam estar em casa – e na rua! – com os seus filhos? E vai daí, em muito boa hora também, perguntaram-se uns aos outros: «Então, é ou não é a união que faz a força?» Porque não, então, juntarmos os *trapinhos do nosso suor* e, no espírito de entreajuda já construído na luta contra o EGOísmo que é o nosso lema, somarmos inteligências, motivações, competências e intuições de todos numa só e mesma METAMEGAFORÇA de uma empresa TRIBAL?

Sim, METAMEGAFORÇA de uma EMPRESA TRIBAL que, tal como outro projecto qualquer, não poderá vingar sem \$ifrão enquanto o sistema for este. Mas atenção: criar \$\$\$\$\$, sim senhor, e quanto mais melhor – é certo! – mas sem esquecer, porém, que o \$ifrão não poderá nunca ocupar o lugar do coração. Ou seja: o \$ é um meio para substancializarmos actos e obras concretas rumo à espiritualização das nossas vi(n)das enquanto *passaporte para a boa (v)ida* e nunca um fim em si mesmo... O NO\$\$\$O FIM⁸⁴!

⁸² Salvo, claro está, se os não puder ter por esterilidade de qualquer das partes...

⁸³ Sim, não vêem os filhos do útero das mães? E não está este na até anatomicamente chamada região sagrada?

⁸⁴ Pois é! “Nunca corras atrás do dinheiro porque este pode... agarrar-te!” Ah! Ah! Ah!

E foi neste ESPÍRITO que nasceu na nossa tribo a FONTE DE RENDIMENTO\$ TRIBAL que, pelo menos na vertente económico-financeira, nos permite assumir o projecto com total autonomia e interindependência em relação a tudo, a todos e entre todos. E ainda – oh maravilha das maravilhas! – nos *proíbe* evocar o alibi da *falta de verba* para seguir em frente na substancialização do VERBO. Sim, não há desculpas. Se estamos no caminho certo (?) ou no errado (?) não será por dificuldades económicas e financeiras ou por falta de ideias, de ideais ou de condições de trabalho mas apenas e só por estarmos no caminho *certo* (?) ou no *errado*... nada mais. Simples, não é?

Mas ainda bem porque, neste contexto, será o modo como iremos aplicar este dinheiro enquanto MEIO ou FIM que irá testar a qualidade do nosso lado de dentro que à partida nos *convida* – pelo menos enquanto houver fome no mundo! – a assumirmos *a austeridade voluntária neste antitemp(l)o de guerras podres e sem vergonha na cara* enquanto apelo à SOLIARIEDADE DE UM SOL FEITO (C)ORAÇÃO A TEMP(L)O INTEIRO A NASCER FINALMENTE DE TODOS PARA TODOS.